

FINANÇAS

BANCA

Orey Antunes apresenta proposta para comprar banco Inversis

A Sociedade Comercial Orey Antunes pretende comprar o banco espanhol de investimento Inversis. A proposta de compra faz parte de uma estratégia de desenvolvimento de um grupo bancário na Península Ibérica e América Latina, explicou a empresa portuguesa em comunicado. A proposta é válida para a compra de uma percentagem entre 53% a 100% do capital do Inversis, banco espanhol com 11 anos de existência com accionistas como o Bankia, El Corte Ingles e a Telefónica.



A Euribor a 6 meses, muito usada no crédito à habitação, ficou inalterada.

JUROS

Taxas Euribor estabilizam com referencial de 12 meses em mínimos de sempre

As Euribor ficaram sexta-feira estáveis em todos os prazos. Depois de oito sessões a cair, a Euribor a três meses, usada como indexante pelas empresas, ficou inalterada nos 0,208%. Também o prazo a 6 meses, mais usado em Portugal como indexante no crédito à habitação, permaneceu nos 0,322%, tendo sido a sétima sessão sem registar qualquer subida. Por outro lado, a Euribor a 12 meses ficou nos 0,526%, mantendo-se no mínimo histórico.

ENTREVISTA RENÉ SMITS Professor de Direito e Economia da União Monetária na Universidade de Amsterdão

“É possível que a União Bancária vá necessitar de dinheiro dos contribuintes”

Especialista diz que são necessárias medidas mais fortes e mais rápidas no seio da regulação europeia.

Marta Marques Silva

marta.marquessilva@economico.pt

É um dos principais especialistas em União Monetária e, mais recentemente, tem acompanhado o trabalho da regulação europeia e o projecto de criação da União Bancária Europeia. René Smits diz que esse é o caminho correcto mas tem dúvidas quanto à força das medidas que estão a ser adoptadas.

Cinco anos após a crise financeira de 2008 continuamos a resgatar bancos e consequentemente países. Os reguladores podiam ter feito mais do que fizeram nos últimos cinco anos?

Devíamos ter tido uma regulação mais forte anterior à crise, mais forte até do que a que está agora a ser adoptada. Mas penso que assim que a crise estalou a ideia de uma regulação mais rigorosa emergiu e foi rapidamente implementada, considerando que este é um assunto global. Foi necessário ouvir o Comité de Basileia, o G20, e este tipo de coisas demoram tempo. Penso que existiu uma resposta rápida. E algumas destas dificuldades, que persistem ainda hoje, são um legado ainda do passado. Dito isto, concordo plenamente que se deveria ter adoptado uma abordagem regulatória mais directa e penso que, até agora, é necessária uma regulação mais estrita do que a está a ser adoptada.

Mais estrita em que sentido?

É preciso olhar para a questão da separação entre a banca de retalho e a banca de investimento. Tivemos um relatório europeu, um relatório britânico e vemos agora a França e a Alemanha a tomarem medidas nesse sentido. Isso deveria estar a ser feito a nível europeu e de forma mais rápida. E temos de avançar para uma união bancária muito mais rapidamente do que estamos a fazer.

E porquê é que a separação entre a banca de retalho e a banca de investimento não está a ser equacionada a nível europeu?

É um assunto que está a ser falado a nível europeu, mas apenas isso. A Comissão Europeia já disse que iria propor algo nesse

sentido, mas estão a demorar muito tempo. E isso deve-se a uma razão muito prática. Eu estive em Bruxelas há pouco tempo num seminário sobre União Bancária e coloquei precisamente essa questão. Porquê é que não estamos a avançar mais rápido? E o que me responderam foi: ‘Não temos pessoal suficiente’. Penso que os reguladores, e isto não é para os defender, mas têm estado asoberbados com tudo o que se tem passado. E, tal como os reguladores fazem, andam sempre a correr atrás dos acontecimentos. Os bancos andam à frente deles. Existe uma brecha de conhecimento entre o sistema financeiro e os reguladores e supervisores. Mas eles deveriam agir mais depressa.

Estamos agora no processo de construir uma União Bancária Europeia, com um único supervisor. É este o caminho correcto?

Sim, a União Bancária é o caminho correcto, se quisermos manter o mercado interno, que está muito dividido, tanto no sector financeiro como na economia real. Existem empresas que só estão a trabalhar no mercado doméstico porque temem aventurar-se noutros Estados-membros com receio de que saiam do euro, e sofram perdas. A União Bancária introduz quatro elementos essenciais: precisamos de um supervisor único, precisamos de um único conjunto de regras para todos os bancos europeus, precisamos de um sistema de resolução, para que não seja o dinheiro dos contribuintes a pagar novamente, e precisamos de ter um fundo de garantia de depósitos harmonizado.

E este modelo assegura que o dinheiro dos contribuintes não será novamente chamado a contribuir?

Não, não temos a certeza que a União Bancária não vá necessitar de dinheiro dos contribuintes. Mas vai garantir que os bancos não tenham demasiadas ligações com a classe política. Isso acontece, por exemplo, em Espanha e na Alemanha. Existem bancos locais muito ligados a políticos locais, que tentando evitar a fa-



René Smits esteve em Portugal a convite do Centro de Investigação em Regulação e Supervisão do Sector Financeiro

Paulo Alexandre Coelho



A União Bancária será eficiente a quebrar a ligação entre bancos e Estados se for aplicada de forma consistente. Mas o que vejo neste momento é que alguns dos planos originais estão a ser diluídos”.

lência desses bancos recorreram ao resgate à custa do dinheiro dos contribuintes. E com a União Bancária teremos o BCE, que não tem ligações políticas a esse nível, a decidir sobre isso.

Portanto a União Bancária será eficiente a quebrar a ligação entre bancos e Estados?

Será certamente se for aplicada de forma consistente. E o que vejo neste momento, e é isso que mais temo, é que alguns destes planos originais estão a ser diluídos. Como se fizesse o café menos forte. Porque por vezes é difícil perder a capacidade de gerir os próprios bancos.

E quem é que está a diluir?

A Alemanha, a Holanda e a Finlândia.

Acha que a solução inicialmente proposta no Chipre foi algum tipo de teste para ver até que ponto seria aceitável o envolvimento dos depositantes em resgates de bancos?

Pode muito bem também ter sido isso. Mas penso que foi mais uma relutância europeia em pagar por aquilo que pensavam ser fortunas russas, e branqueamento de capitais russos. Portanto foi uma medida mais contra ‘outsiders’ do que contra os nossos depositantes. Mas foi um grande erro. Principalmente o plano inicial. Foi ridículamente errado. ■